

ABRE ASPAS DOC COMPARATO ROTEIRISTA

«A novela brasileira precisa ser repensada»

Texto **KÁTIA BORGES** katiamacces@gmail.com
 Foto **FERNANDO VIVAS** vivasf@gmail.com

Levou três anos até que o médico Luís Filipe Loureiro Comparato, master em cardiologia, decidisse virar apenas o roteirista Doc Comparato, mestre em teledramaturgia. A ficha caiu no fim dos anos 70, quando um telefonema de Bruno Barreto interrompeu um de seus plantões. O diretor queria convidá-lo para escrever a adaptação cinematográfica de *O Beijo no Asfalto*, de Nelson Rodrigues. Pioneiro na sistematização dos ensinamentos sobre roteiro no país, desde os anos 1980, Doc ministra cursos e trabalha nas reedições ampliadas e atualizadas do livro *Da criação ao roteiro*, traduzido para vários idiomas e, agora, disponível também em versão digital. Na Rede Globo, foi um dos responsáveis pelo núcleo de criação, com séries que consolidaram o formato, como *Plantão de Polícia*, *Malu Mulher*, *Carga Pesada*, *Ciranda Cirandinha* e *Aplauso*. Fazendo as contas mentalmente, lista dez países nos quais morou ao longo da carreira. Hoje, aos 62 anos, Doc vive no Brasil, mas continua “costurando para fora”, como diz, atuando como autor e professor na França, Argentina e Cuba, entre outros países. Na Bahia, veio trabalhar em um roteiro ao lado do produtor Ducca Rios e ministrar workshop de dois dias para dez privilegiados – pretende voltar em breve para um curso mais amplo de duas semanas. Nesta entrevista, ele fala sobre novelas, humor e, claro, roteiros.

A Globo amarga atualmente um período de audiências baixas em todas as faixas de horário. O folhetim está em crise?

Sempre que falamos em crise no folhetim, aparece uma novela e estoura. Foi assim com *Roque Santeiro*, foi assim com *Avenida Brasil*, mas esses são fogos de artifício. A TV aberta atravessa áreas de turbulência em todo o mundo, não apenas no Brasil. Hoje, a opção de filmes e programas é enorme. Além disso, a novela brasileira precisa ser repensada. Talvez a solução seja encurtar as tramas. Penso que há a necessidade de uma transformação do tempo dramático, da qualidade dramática.

O senhor foi um dos responsáveis pelo núcleo de criação da Globo. É possível traçar um paralelo com nossa época?

A TV, naquela época, era mais diversificada, em produção e conteúdo. Hoje, para você ter uma ideia, todas as séries exibidas pela TV aberta são de humor. Você opta por um formato mais curto, desde que seja humor. Naquela época, tínhamos séries fantásticas, com boa audiência, e nenhuma era de humor. Havia *Aplauso*, *Plantão de Polícia*, *Malu Mulher*, *Ciranda Cirandinha* e *Carga Pesada*. Isso é curioso. E se repete no cinema. Filme brasileiro hoje tem que ser humor ou favela. Não sai disso. O caminho da arte é a diversidade, em gênero, em forma e em conteúdo.

E há a crescente evangelização da TV.

É uma falta de respeito ao telespectador. Sou agnóstico e não entendo como uma concessão pública pode ser entregue a uma igreja, qualquer igreja. Hoje todas as religiões têm



«Hoje há muito mais possibilidades de narrativas. Os jovens autores são mais criativos que nós em nosso tempo, têm maior ensinamento audiovisual»

horários e programas. A programação é loteada entre as várias religiões. Isso não faz parte da comunicação ideal de um país.

Não há o estímulo da concorrência.

Não há concorrência. Caímos no monopólio, palavra que causa horror a muita gente, mas que, no Brasil, alcança várias áreas. Vivemos num país de capitania hereditária, seja na comunicação ou na indústria farmacêutica. Em outros países, a TV pública é extremamente forte. E por quê? Porque coloca-se dinheiro ali, muito e bem. O estado dá o exemplo. No Brasil, isso não acontece. Não há o entendimento de que podemos fazer programas de educação comercialmente viáveis.

O senhor ministra cursos para roteiristas desde 1982. O que dá para sentir, em termos de perspectivas?

Comecei como autodidata por volta de 1980, estudando na Inglaterra, lendo tudo o que podia sobre o tema. Escrevi *Da criação ao roteiro*, que vendeu dois mil exemplares na noite de autógrafos. Sou editado em oito países e em vários idiomas. Formei praticamente todos os novos roteiristas hoje em atuação. Ricardo Linhares e vários outros colaboradores da Globo começaram comigo. Mas o país mais importante, atual-

mente, em cinematografia é a Argentina, que tem um cinema maravilhoso, bem melhor que o nosso, não em quantidade, mas em qualidade dramática e técnica. Acho chato falar assim: "Ah, no meu tempo era melhor". No meu tempo não era melhor, hoje há muito mais possibilidades de narrativas. Os jovens autores são mais criativos que nós em nosso tempo, têm um ensinamento audiovisual que nunca tivemos.

O senhor entrou na Globo com um roteiro na mão. Qual a pedreira enfrentada hoje pelos roteiristas iniciantes?

A Globo era um casarão, sem segurança, sem nada. Ziembinski fazia casos especiais, e eu escrevi um e levei para ele. Ele ficou furo por eu ter invadido a sala, abriu um armário, jogou meu roteiro lá e me mandou embora. Só que eles tiveram um problema naquela semana e precisaram de um roteiro. Era final dos anos 70 e eu fui chamado. Recebi 26 mil cruzeiros. Eu trabalhava em São Paulo como cardiologista. Ainda fiquei uns três anos dando plantões e escrevendo. Até que, um dia, estava de plantão e recebi um telefonema do Bruno Barreto me chamando para adaptar *O Beijo no Asfalto* para o cinema. Quando acabou o plantão, pedi demissão. Mas, olha, hoje é mais complicado. Primeiro que não

há sindicato. E há uma concentração, uma centralização, no Rio, mais até do que em São Paulo. Então se você não tiver um forte QI, quem indicou, não vai conseguir.

O senhor acredita que a Lei 12.485, que estabelece cotas mínimas para a exibição de conteúdo nacional nos canais fechados, pode melhorar esse mercado?

É um passo adiante, mas favorece as produtoras, que contratam os roteiristas. A lei não diz quem ou como isso será feito, não há um amparo aos profissionais da escrita. As produtoras estão agindo como as grandes redes, criando grupos fechados. Isso não é legal. Se compararmos com Estados Unidos e Europa, não há times exclusivos, eles usam o material e pagam direitos autorais. Eu recebo até hoje por programas que escrevi nos anos 90 para a TV espanhola, quando ainda eram pagos em pesetas. Se exibir num canal qualquer, às 3h da madrugada, convertem em euros e eu recebo.

Por que, em sua opinião, uma novela com a qualidade cênica e dramática de *Meu Pedacinho de Chão* registra uma audiência tão baixa?

É uma novela bem-feita, maravilhosamente bem-feita. Mas daria um filme de duas horas, e não uma novela de 150 capítulos. Não segura. O gênero é feito para segurar a fantasia por 90, no máximo, 120 minutos. Você entra numa viagem ali e acabou. Todo dia não dá. A novela não comporta. Mas eles não vão perder dinheiro nenhum. Vendem internacionalmente como programa infantil e vai ser um grande êxito.

O senhor escreveria uma novela hoje?

Olha, novela é sempre uma aventura, uma jornada em que não se vê o fim do túnel. Já operei o coração uma vez. Não posso arriscar.

Suas filhas, Lorena e Bianca, são atrizes.

O senhor influenciou essas escolhas?

Ah, elas são brincos, dois brincos. Bianca recebeu agora o APCA, pelo trabalho em *Sessão de Terapia* e em *A Menina sem Qualidades*, e Lorena está fazendo uma peça infantil minha e fez *Pé na Cova*. Tenho o maior orgulho. Não interiro na vida delas, mas elas cresceram com o pai autor em casa, sempre viajaram comigo, estudaram arte dramática na Inglaterra,

na Espanha, em Portugal... Viajamos por dez países, lugares onde vivemos, onde moramos, onde trabalhei. Creio que essa vivência foi muito importante para elas.

Mora hoje no Brasil?

Finalmente consegui montar um apartamento no Brasil, no Rio de Janeiro, mas continuo viajando muito, gosto de viajar, de ver coisas novas, preciso me alimentar. O sindicato francês dos roteiristas diz que o trabalho intelectual deve ser limitado a quatro horas por dia, para que o profissional possa ler, estudar, alimentar a criatividade. E é muito curioso, isso, porque é verdade.

O seu livro, *Da criação ao roteiro*, passou por diversas atualizações ao longo dos anos. Quais as mais recentes?

Há o acréscimo de conhecimentos sobre roteiros para transmídia e games. Há um capítulo inteiramente dedicado aos games. Tecnicamente, o homem evoluiu muito, mas os sentimentos humanos são os mesmos, assim como os pecados e as virtudes. Os conceitos dramáticos também evoluíram, mas os clássicos permanecem. A dramaturgia só tem uma lei que se deve saber de cor: não há lei em dramaturgia. O que há são princípios, qualidades e necessidades dramáticas. Isso desde Aristóteles. Shakespeare fazia assim. «



SEM DÚVIDA
 seu filho constrói suas
 próprias oportunidades

Matrículas grátis!
21/07 a 20/09/14
 Matemática . Português . Inglês

Tel.: (71) 3353-242

www.kumon.com.br

KUMON

Pedro tem 9 anos e é aluno de Matemática, Português e Inglês.